Dia 3 — Santa Genoveva, Virgem

Santa Genoveva, a quem a cidade de Paris escolheu por padroeira, nasceu numa aldeiazinha chamada Nanterre, a duas léguas da mesma Paris, por volta do ano 422. Seu pai se chamava Severo, e sua mãe Geroncia, ambos de condição muito modesta, mas honrados e distintos por sua piedade.

Quase desde o berço Deus antecipou-se à santa menina com suas doces bênçãos; pois sua modéstia, sua prudência e sua devoção pareceram extraordinárias, mesmo nos mais tenros anos da infância.

Passou por Nanterre São Germano, bispo de Auxerre, a caminho da Inglaterra para combater os erros de Pelágio; e, concorrendo todo o povo a receber sua bênção, o santo prelado, iluminado por luz superior, descobriu aquele tesouro escondido; e, distinguindo entre a multidão a menina Genoveva, que na ocasião tinha sete ou oito anos, falou-lhe em particular. Admirado de sua piedade e de suas respostas, exortou-a a consagrar-se inteiramente a Deus e a não admitir outro esposo senão Jesus Cristo. A menina, que já tinha sentimentos muito superiores à sua idade, respondeu-lhe que nunca tivera outro pensamento senão ser toda de Deus e abraçar a profissão das virgens cristãs; e São Germano, para confirmá-la nessa resolução, deu-lhe uma medalha de cobre, na qual estava gravado o sinal da santa cruz, como penhor da fidelidade que oferecera a Jesus Cristo, seu celestial esposo; ao que Genoveva deu tanta estima que a trouxe pendurada ao pescoço por toda a vida.

Crescia com a idade a virtude de Genoveva, e a cada dia era mais vivo o seu amor a Jesus Cristo. Num dia de festa, indo sua mãe à igreja, quis obrigá-la a ficar em casa. Era sumamente humilde; mas julgou que não se opunha à obediência o representar à mãe que lhe permitisse ir também fazer oração, acrescentando que, sendo esposa de Jesus Cristo, parecia ter algum direito e até alguma maior obrigação de cortejá-lo em sua igreja. Estava a mãe de mau humor e, ofendida com o que devia edificá-la, deu-lhe uma bofetada, mandando-a que não a acompanhasse. Deus castigou na hora um arrebatamento tão pouco cristão, e a mãe ficou cega, e não recobrou a vista até lavar os olhos com um pouco de água sobre a qual rogou à filha que fizesse o sinal da cruz.

Quando Genoveva chegou à idade conveniente, consagrou-se a Deus com voto solene e começou, segundo a prática que tinham naquele tempo as virgens consagradas, a alimentar-se de legumes, a beber somente água e a trazer contínuo cilício. Dormia sobre a terra dura, passando em oração as noites que precediam o domingo, a quinta-feira e os dias em que havia de comungar.

Tendo morrido seus pais, foi para Paris, onde a recolheu sua madrinha, e ali passou uma vida humilde e obscura no exercício de uma austeríssima penitência e de perpétua oração.

Por esse tempo assaltou-a uma enfermidade tão extraordinária, acompanhada de tão cruéis dores, que a tiveram por morta, tendo ficado três dias sem sentidos. Serviu-se Deus daquela espécie de êxtase para descobrir-lhe muitos mistérios e para dar-lhe a entender quanto havia de fazer e padecer por seu amor no restante de sua vida. Confiou isso, não sem alguma facilidade, a algumas pessoas indiscretas, e daí lhe vieram novos motivos para exercitar a paciência.

Começou-se a murmurar de seu retiro, a censurar seu modo de vida e a considerar imprudentes e extravagantes seus exercícios de mortificação e de piedade. Provou Deus por alguns anos a virtude de sua serva com o fogo da mais viva perseguição, até que, voltando São Germano de sua viagem à Inglaterra, confundiu todos os seus invejosos, fazendo justiça à virtude de nossa santa.

Mas a serenidade não durou muito. Espalhou-se em Paris um falso rumor de que os hunos se aproximavam para destruir a cidade; ausentaram-se todos e, querendo a santa donzela consolá-los, assegurando ser falso o rumor, levantou-se contra ela, por essa obra de caridade, a mais cruel perseguição, e esteve prestes a ser queimada como feiticeira e maga. Achava-se São Germano na Itália, junto ao imperador Valentiniano, quando teve notícia do perigo em que se encontrava a santa. Inutilmente trabalhou por libertá-la; e o arcediago de Auxerre, que despachou logo a Paris, esteve ele mesmo em perigo de ser maltratado por aquele povo furioso. Deliberava-se somente sobre o gênero de suplício com que seria castigada, e muitos já haviam opinado que fosse entregue às chamas, quando Deus mudou de repente o coração de todos.

A doçura, a humildade, a paciência, a inalterável tranquilidade que a santa mostrou em meio a tão grande risco fizeram abrir os olhos a seus perseguidores; reconheceram sua inocência e, condenando eles mesmos a própria paixão, daí em diante converteram o ódio em veneração a Genoveva.

Mas a santa não se aproveitou da quietude que começava a gozar senão para aumentar os exercícios de piedade e suas penitências. Só comia duas vezes por semana, na quinta-feira e no domingo, e foi preciso preceito expresso do bispo para obrigá-la a usar um pouco de leite em sua mais avançada velhice.

Uma virtude tão eminente não podia deixar de ressoar nas partes mais remotas. São Simeão Estilita se encomendava a suas orações desde o mais retirado da Síria, e o nome de Genoveva tornou-se célebre quase em todo o âmbito do mundo.

Átila, rei dos hunos, atravessou os Alpes e o Ródano. Ia lançar-se sobre Paris quando a santa saiu de seu retiro e exortou o povo a aplacar a cólera de Deus com orações, jejuns e penitências. Achava-se a cidade entregue a esses devotos exercícios quando se teve notícia de que o exército dos bárbaros havia se retirado; e os parisienses atribuíram esse milagre às orações de Santa Genoveva.

Sitiava Meroveu a Paris, e a cidade estava reduzida às últimas extremidades. Compadecida Genoveva da extrema miséria em que se achava o povo por causa da fome, foi até Arcis-sur-Aube

e chegou a Troyes, onde, juntando quantidade de trigo, pôs-se à frente do comboio e, por meio desse socorro, libertou toda a cidade.

Essa magnânima caridade, acompanhada de muitos milagres, deu novo brilho a suas virtudes, fazendo-a venerar até pelos próprios pagãos. Quilperico, pai de Clóvis, estimava tanto a nossa santa que nunca se atreveu a negar-lhe coisa alguma que lhe pedisse. A instâncias suas, esse príncipe empreendeu edificar aquela suntuosa igreja que consagrou em nome dos apóstolos São Pedro e São Paulo e que com o tempo foi dedicada à própria Santa Genoveva, como o está hoje.

Embora fosse tão ardente seu zelo e caridade para com o próximo, nem por isso perdia nada de seu recolhimento interior; e, em meio ao tumulto e à multidão, estava tão recolhida como se se achasse na solidão do deserto. Todos os anos se encerrava extraordinariamente desde a Epifania até a Páscoa, tempo em que a ninguém se deixava ver, tratando unicamente com as virgens que se haviam posto sob a sua direção.

O amor e a devoção à santíssima Virgem pareciam a primeira de todas as suas virtudes; e era a que mais principalmente recomendava a suas filhas e a quantas pessoas tratava.

Dotada do dom de milagres e de profecia, respeitada pelos príncipes e prelados e em singular veneração de todo o povo, estava cheia de tão profunda humildade que teve mais que padecer com as honras que lhe tributavam do que com as cruéis perseguições com que a haviam exercitado. Por fim, adornada de tantos dons sobrenaturais e repleta de merecimentos, morreu em Paris, aos 89 anos de idade, no dia 3 de janeiro do ano 512, tão santamente como havia vivido.

Foi levado seu corpo com grande pompa à igreja dos santos Apóstolos, que era vista como obra sua e hoje leva o título da própria santa. Conheceu-se desde logo quão poderosa era junto a Deus a sua intercessão; e, crescendo a cada dia a devoção do povo, Santo Elói ofereceu-se para trabalhar com suas próprias mãos a magnífica urna em que estão depositadas as suas relíquias, a qual foi colocada, depois da irrupção dos normandos, atrás do altar-mor, onde se conserva e se venera atualmente [^1].

No ano de 887 vieram os normandos sitiar Paris, e então foi a primeira vez que se levou em procissão a urna de Santa Genoveva, à cuja intercessão se atribuiu, com muita razão, o levantamento do cerco, no mesmo momento em que o inimigo se dispunha a dar o assalto.

Em 1129, uma enfermidade chamada dos ardentes, por ser uma espécie de erisipela acompanhada de febre ardente que tirava a vida a inúmeras pessoas, desolava toda Paris: baixou-se a urna de Santa Genoveva e, apenas se deixou ver ao pé da montanha, cessou a epidemia, e catorze mil enfermos que havia na cidade recobraram repentinamente a saúde.

Tendo vindo à França no ano seguinte o papa Inocêncio II, depois de se informar exatamente de um fato tão milagroso, ordenou que todos os anos se celebrasse a memória, em ação de graças por tão singular prodígio, com o título do milagre dos ardentes. A devoção do povo à santa não esfriou com o tempo, e a cada dia se experimentam os efeitos de sua proteção, tanto nas calamidades públicas como nas necessidades particulares.

Santo Antero, Papa e Mártir

No tempo em que a Igreja se achava afligida por uma das mais cruéis perseguições dos pagãos, necessitada de varões eminentes em zelo, brio e santidade, capazes de se opor aos poderosos inimigos da religião cristã, morto o sumo pontífice Ponciano, foi eleito seu sucessor, por universal consentimento do clero e do povo romano, Santo Antero.

Filho de Rômulo, grego de nação, professor da vida eremítica.

Colocado na cátedra apostólica, comprovou o mérito de sua eleição e justificou com provas práticas o alto conceito de santidade e virtude que de sua pessoa havia formado a Igreja romana, que chorou amargamente a brevidade de seu pontificado. No curto espaço de sua duração, penetrado da mais viva dor ao ver seu rebanho disperso, aflito e atribulado pela veemência da perseguição, que nem lhe permitia uma leve trégua para o descanso, nem que pudesse dedicar-se com quietude aos cultos sagrados, apesar das cautelas tomadas pelos fiéis naquelas lamentáveis idades, aplicou seu vigilante cuidado a conservar o sagrado depósito da fé na mesma pureza em que os príncipes dos apóstolos a haviam ensinado. À custa de incessantes vigílias e trabalhos, provia seu rebanho amado dos saudáveis pastos de que necessitava naquelas deploráveis circunstâncias, reunindo-o nos cemitérios e nas catacumbas para que pudessem celebrar os ofícios divinos e implorar a assistência de Deus em tão desfeitas tempestades. Consolava os fiéis com amor paternal nos reveses, exortando-os a testemunhar sua fé, em caso necessário, à custa do próprio sangue; e, desejoso de que nos tempos futuros se conservasse a memória dos feitos louváveis dos heróis que padeciam por Jesus Cristo, dispôs que os notários designados para escrevê-los os guardassem nos arquivos apostólicos com a maior cautela e recato, visto que em seu tempo morreram inúmeros mártires por ocasião da terrível perseguição de Maximino.

Não menos zeloso em conservar a disciplina eclesiástica, dedicou-se a restabelecer as perdas que ela sofreu com as perturbações de uma perseguição tão cruel e dilatada. Entre outros regulamentos, atribui-se a este insigne papa uma decretal, expedida por consulta dos prelados eclesiásticos das províncias de Toledo e da Andaluzia, sobre as transferências de bispos de uma sé para outra. Nela se lê concedida a permissão, em caso de intervir necessidade ou resultar utilidade para a Igreja, mas não por conveniência própria; ordenando nela igualmente, para evitar todo engano, que precedesse a aprovação da Sé apostólica; e, embora em semelhante disposição apareça a mesma disciplina que a Igreja adotou em virtude de seus decretos conciliares, com tudo isso vários escritores críticos não a consideram legítima.

A uma vida tão exemplar, acompanhada das virtudes mais heroicas, e a um zelo tão fervoroso e tão digno dos mais santos sucessores de São Pedro, era muito conveniente que se seguisse a glória do martírio para coroar seus apostólicos trabalhos. Alcançou-a por fim; pois, informado o imperador de seus progressos em favor da religião cristã e de que, como zeloso pastor, animava os fiéis a desprezar seus editos, considerando-o um dos mais formidáveis inimigos de seus deuses, depois de ter provado sua invencível fortaleza por meio de promessas e terríveis ameaças, condenou-o à morte, alcançando por ela nosso santo o triunfo que tanto tempo desejava com vivas ânsias, no dia 3 de janeiro do ano 229. Seu corpo foi sepultado no cemitério de Calisto e depois

trasladado à igreja de São Silvestre, situada no Campo de Marte.

Sobre o tempo que durou seu pontificado há várias opiniões; uns lhe concedem nove meses, outros um ano, um mês e catorze dias. Celebrou uma vez ordenações e consagrou um bispo para a cidade de Fundi, na Campânia.

Martirológio Romano

A Oitava de São João, apóstolo e evangelista.

Em Roma, sobre a via Ápia, a festa de Santo Antero, papa, que sofreu a morte sob Júlio Maximino e foi sepultado no cemitério de Calisto.

No mesmo dia, São Pedro, que morreu no suplício da cruz, perto da cidade de Valona.

No Helesponto, os santos mártires Quirino, Primo e Teógenes.

Em Cesareia da Capadócia, São Górdio, centurião: resta-nos, em louvor deste santo, um eloquente discurso que pronunciou São Basílio Magno no dia de sua festa.

Na Cilícia, São Zósimo e São Atanásio, notário, ambos mártires.

No mesmo dia, os santos Teopempto e Teonas, que padeceram um glorioso martírio durante a perseguição de Diocleciano.

Em Pádua, São Daniel, mártir.

Em Viena do Delfinado, São Florêncio, bispo, o qual, tendo sido desterrado no tempo do imperador Galieno, recebeu nessa cidade a honra do martírio.

Missa (oração)

A missa deste dia é em honra de São João, apóstolo e evangelista, cuja oitava a santa Igreja celebra hoje; e a oração é como se segue.

> **Latim:** *Ecclesiam tuam, Domine, benignus illustra: ut beati Joannis Apostoli tui, et Evangelistæ illuminata doctrinis, ad dona perveniat sempiterna. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Iluminai, Senhor, com benignidade a vossa Igreja, para que, esclarecida pela doutrina do bem-aventurado João, vosso apóstolo e evangelista, chegue por fim a participar da vossa eterna glória. Por Nosso Senhor Jesus Cristo.

Epístola

A epístola é do capítulo 15 do livro do Eclesiástico.

Eclesiástico 15,1-6

> **Latim:** [1] Qui timet Deum faciet bona, et qui continens est justitiæ apprehendet illam : [2] et obviabit illi quasi mater honorificata, et quasi mulier a virginitate suscipiet illum. [3] Cibabit illum pane vitæ et intellectus, et aqua sapientiæ salutaris potabit illum : et firmabitur in illo, et non flectetur : [4] et continebit illum, et non confundetur : et exaltabit illum apud proximos suos, [5] et in medio ecclesiæ aperiet os ejus, et adimplebit illum spiritu sapientiæ et intellectus, et stola gloriæ vestiet illum. [6] Jucunditatem et exsultationem thesaurizabit super illum, et nomine æterno hæreditabit illum.

Português: [1] O que teme a Deus fará boas obras: E o que está bem firmado na justiça, lançará mão da sabedoria, [2] e ela lhe sairá ao encontro como uma mãe cheia de honra, e o receberá como uma esposa virgem recebe ao seu espóso. [3] Ela o sustentará do pão da vida e de inteligência, e lhe dará a beber da água da sabedoria, que dá saúde: e se firmará nêle e êle ficará incontrastável: [4] E tê-lo-á da sua mão e não será confundido: E ela o exaltará entre os seus próximos, [5] e lhe abrirá a boca no meio da Igreja, e o encherá do espírito da sabedoria, e de inteligência, e o vestirá dum hábito de glória. [6] Ela entesourará sôbre êle regozijo e exultação, e lhe dará por herança um nome eterno.

Nota

« Salomão compôs um livro que intitulou da Sabedoria, e a Igreja dá o mesmo nome a outro, que se chama o Eclesiástico; isto é, livro que prega, porque está cheio de sentenças e de preceitos muito convenientes para regrar os costumes. Compôs este livro um santo profeta chamado Jesus, filho de Sirac. »

Reflexões

Quem teme a Deus não se contenta em fugir do mal, pois isso seria menos temer a Deus do que temer a pena e o castigo; anima-se também a fazer o bem, porque o temor filial, qual deve ser o de Deus, quer agradar-lhe e, por conseguinte, procura fazer o que lhe agrada. A prudência, ou melhor dizendo, a verdadeira sabedoria, é inseparável de toda virtude cristã. Tenha-se, em boa hora, todo o engenho imaginável: sem esse guia não se dará passo que não seja num precipício; ao contrário, o mais modesto entendimento, dotado de muita piedade, poucas vezes deixará de caminhar com acerto.

Desenganemo-nos: não há outra verdadeira sabedoria senão a da salvação eterna. A sabedoria do mundo é uma tolice mascarada, é uma sabedoria insensata. Quem erra nos princípios, como pode acertar no resto? Algum dia conhecerão esses sábios de fachada, ainda que o conheçam muito tarde, que andaram errados e desencaminhados. *Ergo erravimus, nos insensati.*

A verdadeira sabedoria consiste em não errar o fim e em acertar nos meios. E pergunto: são porventura desse caráter esses discretos do mundo? Não têm, portanto, por que aspirar a essa verdadeira glória, nem creiam que a sabedoria cristã se encontra nos sábios do século. Com toda a verdade pode-se dizer que não há retidão, não há bondade, não há entendimento senão nos bons cristãos; só eles são os sábios verdadeiros; só eles alcançam a alegria, a quietude e até a felicidade desta vida. Enquanto vivem, são respeitados, e esta glória os acompanha até a sepultura. A estima é um tributo que se deve à virtude. Ninguém se isenta de pagá-lo. Até os que a perseguem a respeitam. Não se pode separar a verdadeira glória da verdadeira piedade. Bom Deus! Que imortalidade pode esperar quem se condena?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 21 de São João.

João 21,20-24

> **Latim:** 20 Conversus Petrus vidit illum discipulum, quem diligebat Jesus, sequentem, qui et recubuit in cœna super pectus ejus, et dixit : Domine, quis est qui tradet te ? 21 Hunc ergo cum vidisset Petrus, dixit Jesu : Domine, hic autem quid ? 22 Dicit ei Jesus : Sic eum volo manere donec veniam, quid ad te ? tu me sequere. 23 Exiit ergo sermo iste inter fratres quia discipulus ille non moritur. Et non dixit ei Jesus : Non moritur, sed : Sic eum volo manere donec veniam, quid ad te ? 24 Hic est discipulus ille qui testimonium perhibet de his, et scripsit hæc : et scimus quia verum est testimonium ejus.

Português: 20 Voltando Pedro, vio que o seguia aquelle discipulo, que Jesus amava, que ao tempo da céa estivera até reclinado sobre o seu peito, e lhe perguntára: Senhor, quem he o que te ha de

entregar? [21] Assim que como Pedro vio a este, disse para Jesus: Senhor, e este que? [22] Disse-lhe Jesus: Eu quero que elle fique assim, até que eu venha, que tens tu com isso? segue-me tu. [23] Correo logo esta voz entre os irmãos, que aquelle discipulo não morreria. E não lhe disse Jesus: Não morre; senão: Eu quero que elle fique assim, até que eu venha, que tens tu com isso? [24] Este he aquelle discipulo, que dá testemunho d'estas cousas, e que as escreveo: e nos sabemos que he verdadeiro o seu testemunho.

Meditação

Que todo adiamento da conversão é pernicioso

Primeiro ponto

Considera que grande desgraça é morrer sem ter-se convertido; pois o mesmo é, pouco mais ou menos, falando em geral, adiar a conversão. Enquanto só se pensa em converter-se, ninguém se converte.

No presente não tenho vontade de converter-me; mas a terei em outro dia? Não quero converter-me hoje; acaso quererei amanhã? Quem me pode prometer, quem me pode assegurar que chegarei ao amanhã? Grande loucura confiar a salvação ao que há de mais incerto na vida! Estar persuadido de que é preciso converter-se, confessar que não se quereria morrer sem ter-se convertido, e não se converter no mesmo instante, é merecer não converter-se jamais. No presente não tens forças para romper esses laços; e os romperás mais facilmente quando se tiverem multiplicado mais? E terás maiores forças quando também o hábito as tiver maiores?

Dizes que agora não tens tempo; e quando chegará o caso de que o tenhas? Por que o tempo presente não será o tempo de tua conversão? Porventura Deus te deu este ano novo para que não te convertas até o ano que vem? Que é o que agora te impede de converter-te? E dize-me: esse obstáculo, esse impedimento vale tanto como a tua conversão, como a tua salvação eterna? Oh, é que não tenho tempo! Desculpa verdadeiramente miserável! Pois ignoramos, porventura, que, se nós mesmos não tomamos o tempo, nem o mundo, nem os amigos, nem os negócios no-lo concederão jamais?

Oh, que cegueira tão digna de compaixão! Caminhamos para a morte com a maior segurança, sobre a perigosa esperança de um tempo de preparação que talvez nunca cheguemos a ver.

Ah, Senhor! Se o ano passado tivesse sido o último de minha vida, como foi de tantos outros, que seria agora de mim? Estou no princípio deste, incerto se o acabarei; mas não incerto se me converterei, pois com o auxílio de vossa graça estou bem resolvido a não adiar a minha conversão nem um só dia.

Segundo ponto

Considera que recusar converter-se no tempo presente é o mesmo que dizer que ainda não se ofendeu a Deus o bastante, que é preciso estar ainda um pouco mais de tempo em sua desgraça. Querer converter-se algum dia e não querer que seja hoje é querer dispor, segundo o nosso capricho, do tempo, dos tesouros, dos méritos e até da própria graça de Jesus Cristo; é querer dar regras à sabedoria divina, sujeitar a providência ao nosso humor e torná-la escrava de nossas próprias paixões. Que impiedade! Que extravagância! E ainda haverá coragem para dizer: eu quero converter-me, mas será mais para a frente; quero entregar-me à devoção, mas mais adiante? Compreendes porventura o verdadeiro, o ridículo sentido de uma proposição tão pouco cristã?

Temo, por acaso, converter-me cedo demais, se me converto neste ano? Receio, talvez, que, se começo desde logo a amar a Deus, me sobre tempo demais para amá-lo? Já passou o tempo mais florido de minha idade; já não me resta mais que uma porção de vida gasta, usada e roída no serviço do mundo; e apesar disso delibero! Ainda me recuso a dar a Deus essas miseráveis relíquias! Certamente é preciso fazer muito pouco caso da amizade de Deus para tratá-lo dessa maneira.

Ai! E que dor na hora da morte, quando chegar a pensar que eu fui aquele discípulo a quem Jesus amava e que não quis amar a Jesus! Sim, Jesus me amava quando interiormente me chamava a que mudasse de vida; Jesus me amava quando me concedia aqueles belos dias, aqueles longos anos para que fizesse penitência; Jesus me amava quando me convidava com sua graça no princípio deste ano; Jesus me amava quando me punha diante dos olhos a inocência, a penitência, a caridade e todos os exemplos de virtude de Santa Genoveva e de tantos outros santos. Reflexões sólidas, meditações eficazes, discursos concludentes, todas eram provas sensíveis do amor que Deus me professava; mas tudo foi inútil para mim, porque não tive vontade de converter-me. Ó Deus, que cruel remorso!

Morra eu, Senhor, desde agora em vosso amor, se tiver de viver algum tempo sem amar-vos. Vós me amais, e tudo me convence de vossa ternura. Está feito: desde este mesmo instante começo vida nova, com a esperança de que tudo vos há de comprovar o meu eterno amor, a minha perfeita conversão perpetuamente.

Jaculatórias

> *Dixi, nunc cœpi: hæc mutatio dexteræ Excelsi.* Sl 76.

Comecei tarde a amar-vos, Senhor; mas já dou princípio, e confesso ser esta minha conversão obra de vosso excelso braço.

> *Juravi, et statui custodire judicia justitiæ tuæ.* Sl 118.

Estou resolvido, e assim o prometi, a guardar daqui em diante os vossos santos mandamentos.

Propósitos

1. Lê, diante de um Crucifixo, os propósitos que fizeste ontem e o novo plano de vida que te propuseste. Vê se há algo a acrescentar; anota os obstáculos que possam apresentar-se e deixa também anotados os meios de que te hás de servir para vencê-los. Nisto é absolutamente necessário proceder com especificação e minúcia. As resoluções indeterminadas, vagas e genéricas só servem para adormecer os remorsos de uma consciência justamente sobressaltada; lisonjeiam e enganam com a esperança de uma conversão futura, mas jamais convertem.

2. Começa fazendo a Deus algum pequeno sacrifício, seja contrariando tua própria vontade e teu amor-próprio em certas coisas, seja mortificando teus sentidos em muitas ocasiões, seja privando-te do que mais te agrada e te diverte. De nada servem os grandes projetos de conversão se não se reduzem à obra. Todas as lições de moral são práticas. Não é rico quem apenas sabe contar grandes quantidades, mas quem é dono das quantidades que conta. Do mesmo modo, é preciso que as obras comprovem o que cada um quer ser e o que efetivamente é.

[^1]: O corpo desta santa, conservado durante quase treze séculos na igreja edificada sobre o seu sepulcro, foi queimado pelos ímpios em 1793. Puderam-se, contudo, salvar algumas relíquias, que são agora veneradas na igreja de Saint-Étienne-du-Mont, em Paris, perto do magnífico templo que modernamente havia sido construído sob a sua invocação, mas que depois foi destinado por novos ímpios a Panteão de homens funestamente célebres.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:43:26 by Admin
Updated 20 November 2026 20:43:26 by Admin